

**ENTRE VOZES E IDENTIDADES: UMA ANÁLISE DIALÓGICA E
INTERSECCIONAL EM *ESTRELAS ALÉM DO TEMPO* (2016)****BETWEEN VOICES AND IDENTITIES: A DIALOGIC AND
INTERSECTIONAL ANALYSIS IN *HIDDEN FIGURES* (2016)****ENTRE VOCES E IDENTIDADES: UN ANÁLISIS DIALÓGICO E
INTERSECCIONAL EN *TALENTOS OCULTOS* (2016)**

Helaine de Souza Maciel¹
Fábio Marques de Souza²

RESUMO

Este artigo realiza uma análise dialógica e interseccional do filme *Estrelas Além do Tempo* (2016), explorando as temáticas de segregação racial e opressão de gênero vivenciadas pelas protagonistas: Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, três mulheres negras que desempenharam papéis fundamentais no avanço científico da NASA durante a corrida espacial dos Estados Unidos. O estudo, de natureza qualitativa e interpretativa, fundamenta-se nos princípios da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), com contribuições do Círculo de Bakhtin, e na Teoria da Interseccionalidade, dialogando com autoras como Akotirene (2019), hooks (2019) e Collins (2022). O objetivo principal é investigar como o filme americano constrói discursos de resistência e opressão, ao mesmo tempo que reflete criticamente sobre as relações de poder e a exclusão histórica de minorias em contextos científicos e sociais. Com base em uma análise contextual dos anos 1960 e 1970, marcados pela segregação racial e pelo movimento feminista, este artigo discute como as vozes das protagonistas desnudam as estruturas opressoras da época. Os resultados revelam que a narrativa cinematográfica, por meio da representação das protagonistas, promove uma reflexão crítica sobre a representatividade, destacando a importância da inclusão e valorização de mulheres negras em espaços de poder e ciência, evidenciando as lutas interseccionais como essenciais para a transformação social.

Palavras-chave: análise dialógica; interseccionalidade; cinema; segregação racial; opressão de gênero.

ABSTRACT

The article presents a dialogic and intersectional analysis of the film *Hidden Figures* (2016), exploring themes of racial segregation and gender oppression experienced by the protagonists: Katherine Johnson, Dorothy Vaughan and Mary Jackson, three black women who played key roles in the scientific advancement of NASA during the United States space race. The study, qualitative and interpretative in nature, is grounded in the principles of the Dialogic Theory of Language (DTL), with contributions from the Bakhtin Circle, and in Intersectionality Theory, drawing on authors such as Akotirene (2019), hooks (2019), and Collins (2022). The main objective is to investigate how the American film constructs discourses of resistance and oppression while critically reflecting on power relations and the historical exclusion of

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), <https://orcid.org/0009-0006-0424-4100>, helaine.smaciell09@gmail.com

² Doutor em Educação (USP), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), <https://orcid.org/0000-0003-4538-3204>, fabiohispanista@gmail.com

minorities in scientific and social contexts. Based on a contextual analysis of the 1960s and 1970s, marked by racial segregation and the feminist movement, this article discusses how the protagonists' voices expose the oppressive structures of the time. The results reveal that the film's narrative, through the representation of its protagonists, fosters critical reflection on representation, highlighting the importance of the inclusion and appreciation of black women in spaces of power and science, and emphasizing intersectional struggles as essential for social transformation.

Keywords: dialogic analysis; intersectionality; cinema; racial segregation; gender oppression.

RESUMEN

Este artículo realiza un análisis dialógico e interseccional de la película *Talentos Ocultos* (2016), explorando las temáticas de segregación racial y opresión de género vividas por las protagonistas: Katherine Johnson, Dorothy Vaughan y Mary Jackson, tres mujeres negras que desempeñaron roles fundamentales en el avance científico de la NASA durante la carrera espacial de los Estados Unidos. El estudio, de naturaleza cualitativa e interpretativa, se fundamenta en los principios de la Teoría Dialógica del Lenguaje (TDL), con aportes del Círculo de Bakhtin, y en la Teoría de la Interseccionalidad, dialogando con otras autoras como Akotirene (2019), hooks (2019) e Collins (2022). El objetivo principal es investigar cómo la película americana construye discursos de resistencia y opresión, al mismo tiempo que reflexiona críticamente sobre las relaciones del poder y la exclusión histórica de minorías en contextos científicos y sociales. Basado en un análisis contextual de las décadas de 1960 y 1970, marcadas por la segregación racial y el movimiento feminista, este artículo discute cómo las voces de las protagonistas desnudan las estructuras opresoras de la época. Los resultados revelan que la narrativa cinematográfica, a través de la representación de las protagonistas, promueve una reflexión crítica sobre la representatividad, destacando la importancia de la inclusión y valoración de mujeres negras en espacios de poder y ciencia, evidenciando las luchas interseccionales como esenciales para la transformación social.

Palabras clave: análisis dialógico; interseccionalidad; cine; segregación racial; opresión de género.

INTRODUÇÃO

O cinema, enquanto prática cultural e social, constitui um espaço privilegiado para a representação e problematização de questões sociais, históricas e culturais. Como gênero discursivo, o filme reflete e refrata as tensões do tecido social, permitindo observar como diferentes vozes dialogam, se confrontam e se transformam. Nesse contexto, a produção cinematográfica *Estrelas Além do Tempo* (*Hidden Figures*, 2016) transcende o entretenimento ao abordar questões interseccionais de raça, gênero e classe social, revelando dinâmicas de poder e resistência presentes na sociedade norte-americana dos anos 1960.

Com uma abordagem polifônica, o filme dirigido por Theodore Melfi reflete as complexas relações sociais e históricas dos Estados Unidos em um período marcado pela segregação racial institucionalizada. Inspirado no livro de Margot Lee Shetterly, o

longa dá voz às trajetórias de três mulheres matemáticas afro-americanas da *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) no programa espacial dos Estados Unidos durante a Guerra Fria: Katherine Johnson (Taraji P. Henson), responsável pelos cálculos que garantiram a reentrada segura do astronauta John Glenn na atmosfera; Dorothy Vaughan (Octavia Spencer), pioneira como supervisora negra da NASA; e Mary Jackson (Janelle Monáe), a primeira engenheira negra da instituição.

Funcionando como espelho crítico, o filme questiona relações de poder, identidade e pertencimento, incentivando reflexões sobre marginalização e resistência. Reafirma-se, assim, a perspectiva de que “toda obra fílmica de tema social [...] é uma entidade textual fílmica construída em forma de sistema discursivo” (Di Camargo, 2020, p. 183), mobilizando a linguagem do cinema para dialogar com opressões interligadas.

Neste artigo, propomos uma análise da linguagem cinematográfica à luz da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), articulada à interseccionalidade. Embora o cinema não tenha sido objeto direto de análise por Bakhtin, sua teoria da linguagem permite compreender o filme como uma arte que revitaliza e ressignifica outros gêneros discursivos. A criação estética, por sua vez, carrega elementos da vida e da arte, estabelecendo sentidos na interação entre o “eu” e o “outro”. A partir disso, examinamos como raça, classe e gênero são tematizados nos diálogos do filme, revelando formas múltiplas de opressão, como aponta Akotirene (2019, p. 37), ao tratar das “avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão de estruturas e fluxos modernos”.

A questão que orienta este estudo é: como o filme constrói discursos de resistência e opressão ao abordar as trajetórias das mulheres negras que, mesmo diante de barreiras raciais e de gênero, contribuíram decisivamente para a corrida espacial? Nosso objetivo é analisar o filme como enunciado ideológico, investigando de que modo suas cenas discursivas engendram discursos de resistência, subordinação e transformação social.

Para tanto, propomos dois objetivos específicos: (i) compreender dialogicamente como as protagonistas utilizam a linguagem e o discurso para resistir às múltiplas formas de opressão; e (ii) analisar como as cenas discursivas do filme refratam as ideologias relacionadas à interseccionalidade e aos desafios estruturais enfrentados por mulheres negras.

Adotamos uma abordagem qualitativa e interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008), considerando os significados, valores e crenças que permeiam os discursos das personagens. Esse enfoque possibilita uma análise aprofundada das relações sociais e

das camadas de opressão presentes na narrativa (Minayo, 2001; Silveira; Córdova, 2009), promovendo uma leitura crítica e reflexiva.

O artigo está organizado em três seções, além das considerações iniciais e finais. Na primeira, **O gênero discursivo à luz de Bakhtin**, exploramos os gêneros do discurso como força dinâmica e estabilizadora na linguagem e, em sua subseção, **O gênero fílmico como manifestação de cultura**, abordamos o cinema como enunciado ideológico que reflete e refrata questões sociais, históricas e culturais. Na segunda, **A interseccionalidade dialógica no filme *Estrelas Além do Tempo***, analisamos como os aspectos de raça, gênero e classe social se interconectam nas dinâmicas de poder e resistência. Por fim, na terceira, **Cenas discursivas e dimensões interseccionais**, realizamos uma análise crítica de cinco cenas, articulando-as às perspectivas bakhtinianas e à interseccionalidade, contribuindo para uma leitura crítica das representações culturais no cinema.

O GÊNERO DISCURSIVO À LUZ DE BAKHTIN

Fundamentada nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, a teoria dos gêneros do discurso compreende a linguagem como elemento fundamental da interação humana. Segundo Bakhtin (2011, p. 262), os gêneros discursivos emergem em todas as esferas da atividade humana, constituindo-se como “tipos relativamente estáveis de enunciados” que se adaptam aos diferentes contextos sócio-histórico-culturais, configurando os modos pelos quais as pessoas se comunicam. Isto reflete o papel dinâmico e adaptável da linguagem em função das demandas sociais e culturais.

Bakhtin, Volóchinov e Medviédev compartilham o interesse comum pelo estudo da linguagem a partir da perspectiva discursiva. Para esses estudiosos, refletir sobre a linguagem implica compreender a relação complexa entre enunciado, ideologia e refração. Assim, a linguagem não deve ser vista apenas como meio de comunicação, mas como prática imersa nas interações sociais, sendo moldada pelas formas históricas e sociais que organizam a comunicação nos diferentes contextos. Dito em outras palavras,

Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais. Todo monumento continua a obra dos antecessores, polemiza com eles, espera por uma compreensão ativa e responsiva, antecipando-a etc. (Volóchinov, 2017 [1929] p. 184).

Para Bakhtin, o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva, pois é nele que a língua se concretiza nas práticas comunicativas cotidianas, em contraste com a visão estruturalista, que valoriza palavras e orações isoladas. Conforme explica o autor (2011, p. 265) “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam) [...]”, destacando que a comunicação se efetiva na prática enunciativa. A língua, portanto, não é um sistema autônomo, mas um fenômeno social e histórico enraizado nas interações humanas.

A compreensão e o domínio dos gêneros tornam-se, nesse contexto, essenciais para a participação ativa nas esferas sociais. Bakhtin (2011, p. 285) observa que “quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos”, indicando que o conhecimento sobre os gêneros proporciona aos sujeitos maior autonomia comunicativa. Cada gênero oferece, assim, um modelo estruturado, mas também dinâmico, de comunicação, articulando conteúdo temático, estilo e composição, de acordo com a situação comunicativa.

O conteúdo temático de um gênero não se restringe ao tema ou objeto semântico abordado, mas incorpora a postura valorativa do falante em relação ao tema, vinculando o enunciado ao campo de atuação de quem o profere. Essa conexão influencia diretamente o estilo e a composição do discurso, moldando as escolhas linguísticas específicas do contexto. Como aponta Bakhtin (2011), o estilo envolve escolhas linguísticas, gramaticais e fraseológicas que, além de estruturar o gênero, podem expressar a individualidade do sujeito, especialmente em gêneros mais flexíveis.

Por sua vez, a construção composicional refere-se à organização formal do enunciado, que o torna reconhecível socialmente e o associa a uma função comunicativa específica. Tal estrutura permite identificar e classificar diversas formas discursivas, como: conversas informais, artigos científicos, romances, as quais atendem às necessidades comunicativas ao mesmo tempo que se transformam conforme as mudanças sociais. Como destaca Souza (2017, p. 47), “os gêneros discursivos emergem, transformam-se e se transmutam ao passo que as mudanças vão acontecendo na vida social, eles são o meio pelo qual organizamos e concretizamos o nosso dizer”, confirmando que os gêneros discursivos respondem às transformações sociais e históricas.

Outro conceito central na teoria de Bakhtin é o dialogismo, que define a comunicação como uma cadeia ininterrupta de enunciados. Cada enunciado se conecta

a discursos precedentes e subsequentes, inserindo-se em uma rede intertextual. Bakhtin (2003, p. 297) salienta que “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva”, evidenciando que o diálogo não ocorre apenas entre falantes, mas entre discursos que se inter-relacionam no tecido social.

Na prática, os gêneros relativamente estáveis englobam uma diversidade de formas, como: artigos, entrevistas, narrativas, poesias e interações cotidianas. Sem esses gêneros, como argumenta Bakhtin (2011), a comunicação discursiva seria inviável, pois cada interação exigiria a criação de novas formas expressivas, o que dificultaria o entendimento e o fluxo da comunicação cotidiana. Os gêneros discursivos, portanto, constituem instrumentos que possibilitam a comunicação eficiente, oferecendo padrões reconhecíveis e compartilháveis entre os indivíduos.

Além disso, a interação discursiva é direcionada ao outro, e as intenções e funções comunicativas do enunciador têm o interlocutor como destinatário. Essa relação com o ouvinte é mediada pela escolha do gênero mais apropriado para a situação, permitindo ao falante organizar seu discurso de forma a entender às demandas do contexto comunicativo. Bakhtin (2011) afirma que, sem os gêneros, cada enunciado exigiria uma nova criação, tornando a comunicação quase inviável e desorganizada.

Compreendidos como entidades históricas e mutáveis, os gêneros refletem e impulsionam as mudanças sociais. Bakhtin transcende a visão estática dos gêneros, revelando sua natureza dinâmica e dialógica. Os enunciados emergem das práticas sociais, moldam e são moldados pela experiência coletiva, afetando as relações sociais. Assim, a teoria dos gêneros do discurso ilumina a flexibilidade e a adaptabilidade da linguagem diante de contextos e mudanças históricas.

A partir dessa perspectiva, compreendemos também que os signos, enquanto materialidades da linguagem, carregam significados que refletem os interesses de grupos sociais específicos, moldando as formas pelas quais as ideias são expressas. Esse fenômeno manifesta-se nas interações discursivas, em que as ideologias buscam preservar e reforçar sentidos estabelecidos, especialmente nas dinâmicas de classe. De acordo com Volóchinov (2017 [1929]) e Medviédev (2012 [1928]), as ideologias não apenas refletem os interesses sociais, mas também os estruturam, sendo os enunciados veículos fundamentais dessa refração ideológica.

Em síntese, tanto os enunciados quanto os signos desempenham papel crucial na construção das interações discursivas e na constituição da consciência social. Segundo

Volóchinov (2017 [1929]), para compreender como a ideologia se expressa pela linguagem, é necessário investigar a forma como os signos articulam os interesses sociais, sobretudo no nível da palavra. A partir desse horizonte teórico, avançamos para a compreensão do cinema como espaço de movimentos dialógicos e axiológicos, emaranhados em fios discursivos entre vida e arte.

O GÊNERO FÍLMICO COMO MANIFESTAÇÃO DE CULTURA

Como toda forma de arte, o cinema ocupa um lugar privilegiado na construção e refração das ideologias sociais. Nesse sentido, o filme pode ser compreendido como um enunciado ideológico, cujas escolhas estéticas, narrativas e representacionais dialogam com as tensões e vozes sociais do período histórico em que são produzidas.

O gênero fílmico configura-se, assim, como prática social capaz de gerar novas leituras e mobilizar debates. Suas características semióticas refletem e refratam o mundo vivido, convidando os indivíduos a se engajarem em ações específicas. Turner (1997, p. 169) afirma: “Compreender um filme não é essencialmente uma prática estética, é uma prática social que mobiliza toda uma gama de sistemas no âmbito da cultura”.

Analisar o cinema como manifestação cultural implica considerar três conceitos fundamentais da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL): enunciado, ideologia e refração. Para Bakhtin, o enunciado é a unidade real da comunicação, moldado por sujeitos historicamente situados. No cinema, cada obra carrega marcas das condições históricas de sua produção e das intenções de seus autores:

A obra, assim como a réplica do diálogo, visa à resposta do outro (dos outros), uma compreensão responsiva ativa. As obras de construção complexa e as obras especializadas pertencentes aos vários gêneros das ciências e das artes, apesar de tudo o que as distingue da réplica do diálogo, são, por sua natureza, unidades de comunicação verbal: são identicamente delimitadas pela alternância dos sujeitos falantes (Bakhtin, 2000, p. 298).

O cinema, portanto, não apenas reflete a realidade, mas transforma sentidos e promove o diálogo entre discurso artístico e discurso social, ampliando a interpretação crítica das dinâmicas históricas e ideológicas. O filme emerge como um espaço fértil para a criação de enunciados concretos, manifestando significados sociais por meio de uma linguagem intensamente carregada de elementos verbais, visuais e táteis,

cuidadosamente articulada para fomentar interações entre diferentes discursos e provocar reflexões.

A trama *Estrelas Além do Tempo* (2016) exemplifica essa potência dialógica ao abordar as tensões de raça, gênero e classe. Combinando som, imagem em movimento e texto, o filme se configura como um espaço de interação social, refletindo e refratando as realidades das personagens e as fraturas históricas de seu tempo. Compreender o cinema como uma manifestação cultural permite vislumbrar sua natureza dialógica e ideológica, em que diferentes linguagens se interligam, criando uma expressão autônoma e dinâmica que impulsiona as mudanças sociais e tecnológicas.

Sem a pretensão de encerrar essa reflexão, que por natureza é contínua e aberta, reafirmamos que, assim como a literatura, o gênero cinematográfico é moldado pelas tensões históricas. Mais do que representar a realidade, o cinema oferece novas formas de interpretação, funcionando como um espaço de interlocução e ressignificação. Para Stam (2003), essa capacidade de articular múltiplas vozes consagra o cinema como instrumento cultural poderoso, capaz de transformar nossa percepção do mundo e nossas relações com ele.

A INTERSECCIONALIDADE DIALÓGICA NO FILME *ESTRELAS ALÉM DO TEMPO*

Com o acirramento da Guerra Fria, a corrida espacial tornou-se palco de uma disputa política e ideológica entre Estados Unidos e União Soviética. Paralelamente, a luta contra a segregação racial e pelo direitos das mulheres ganhava força, moldando as relações sociais e profissionais da época. É nesse contexto que *Estrelas Além do Tempo* (2016) constrói uma narrativa que entrelaça gênero, raça e classe, explorando as experiências de mulheres negras que desafiaram as barreiras sociais e culturais ao contribuírem de forma decisiva para o avanço da ciência e da tecnologia.

Baseado no livro *Hidden Figures* (2016), de Margot Lee Shetterly, o texto fílmico dialoga com questões contemporâneas ao retratar as histórias de Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, duas matemáticas e uma engenheira, com uma figuração composta por um grupo de mulheres, cujas contribuições foram essenciais para o programa espacial da NASA nos anos 1960.

No prólogo do livro, Shetterly ressalta que cresceu próxima a esse universo, uma vez que seu pai atuava como cientista no Centro de Pesquisa *Langley*, na Virginia, o

mesmo em que trabalharam as protagonistas. Ao longo da obra, a autora interliga narrativas pessoais e históricas, destacando as barreiras de gênero e raça que marcaram sua vida e suas conquistas. Invisibilizadas por décadas, suas ações foram fundamentais para o sucesso das missões espaciais americanas, evidenciando como a luta por igualdade esteve ligada aos avanços científicos (ver Figura 1).

Figura 1: O universo de *Estrelas Além do Tempo*: do livro à tela



Fonte: Adaptado de *Hidden Figures* (2016) e elaborado pelos autores.

Além de resgatar e celebrar essas histórias, o filme adapta os debates do livro para um contexto contemporâneo, propondo uma reflexão interseccional sobre como desigualdades de gênero e raça se entrelaçam para moldar as experiências das protagonistas. Suas atuações como “computadores humanos”, foram essenciais para os cálculos que viabilizaram o sucesso das missões espaciais americanas, revelando como múltiplas camadas de discriminação se amplificavam em um ambiente profissional dominado por homens brancos, durante a era da segregação racial.

Sob a ótica da interseccionalidade, conceito proposto por Kimberlé Crenshaw, o filme permite uma leitura crítica dessas vivências. Para Crenshaw, a interseccionalidade não se limita à sobreposição de opressões, mas evidencia como as estruturas de poder se entrelaçam para produzir exclusões singulares. Em *Estrelas Além do Tempo* (2016), as protagonistas enfrentam não apenas barreiras raciais, mas também o sexismo e as desigualdades de classe, demonstrando a centralidade da interseccionalidade na compreensão das dinâmicas institucionais.

Ao articular dialogismo e interseccionalidade na análise do filme, partimos da compreensão de que o enunciado cinematográfico se constitui pela interação de múltiplas vozes sociais, atravessadas por tensões históricas, raciais e de gênero. Assim como o dialogismo bakhtiniano entende o sentido como produto de relações entre vozes,

a interseccionalidade revela como essas vozes se entrelaçam nas estruturas de opressão. Nossa abordagem metodológica, portanto, lê o filme como um espaço polifônico de disputas de sentidos, no qual os marcadores sociais se co-produzem mutuamente, moldando tanto a construção quanto a recepção da narrativa.

Narrativas de resistência como essas são fundamentais para descolonizar o imaginário social, ao resgatar histórias apagadas e dar visibilidade às subjetividades marginalizadas. O filme reflete essa perspectiva ao construir uma narrativa que, além de reconhecer os desafios enfrentados, celebra a agência e a resiliência de Katherine, Dorothy e Mary, que não apenas resistem, mas transformam as estruturas à sua volta, afirmando o protagonismo das mulheres negras na luta por justiça social.

Além disso, o filme dialoga com a reflexão de Carla Akotirene (2019) sobre o papel geopolítico dos Estados Unidos na consolidação da interseccionalidade como campo teórico. Akotirene observa que, enquanto o movimento de mulheres de cor nos Estados Unidos forneceu uma base histórica e social para a teoria, na Europa, a apropriação do conceito muitas vezes ocorreu dissociada dessas experiências de luta. Esse análise converge com o filme na medida que articula a importância de compreender as vivências das protagonistas a partir de múltiplas dimensões de opressão e resistência.

A trajetória de Katherine exemplifica como as políticas de segregação racial limitavam o acesso aos espaços de decisão. Contudo, ao calcular as órbitas para a missão de John Glenn, ela rompe essas barreiras, reafirmando seu lugar e desafiando as hierarquias impostas. Esse percurso é ilustrado na imagem 1, que reúne cenas emblemáticas: (i) os olhares no café, que evidenciam as tensões sociais; (ii) os cientistas observando os cálculos de Katherine, marcando sua superação técnica; e (iii) a coletiva de imprensa dos astronautas, simbolizando avanços coletivos, ainda impregnados por silenciamentos históricos.

Figura 1: Fragmentos de uma travessia: olhares, cálculos e conquistas



Fonte: *Hidden Figures* (2016).

A partir dessa narrativa, a interseccionalidade se manifesta também em seus aspectos visuais e narrativos. Como observa hooks¹ (2019), a arte visual tem o poder de provocar rupturas na percepção hegemônica, e o cinema, em particular, torna-se um espaço para a criação de significados que desafiam a norma. *Estrelas Além do Tempo* (2016) utiliza contrastes de luz e sombra, cenas de tensão coletiva e diálogos pontuados por silêncios estratégicos para enfatizar a invisibilidade social das protagonistas e a força de sua resistência.

Enquanto enunciado cinematográfico, a obra transcende a reprodução histórica ao refratar, de maneira polifônica, as vozes da resistência feminina e negra frente às estruturas de poder. Ao articular as dimensões de raça, gênero e ciência, o filme constitui um espaço de diálogo crítico entre passado e presente, ecoando tensões ideológicas que permanecem ressoantes. A narrativa, enriquecida por recursos multissemióticos, traz à tona experiências que ressoam questões contemporâneas sobre gênero e raça.

Lançado em dezembro de 2016, o filme foi amplamente aclamado por sua abordagem sensível e histórica, recebendo indicações ao Oscar, Globo de Ouro e BAFTA, três das mais prestigiadas premiações do cinema mundial². Para além do reconhecimento histórico das contribuições científicas das protagonistas, a obra se estrutura como um discurso polifônico, no qual múltiplas vozes se entrelaçam para questionar hierarquias sociais, compondo uma poética densa e sensível.

A narrativa dá voz a Katherine G. Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, cujas trajetórias, marcadas pela segregação racial no sul dos Estados Unidos, foram essenciais para que o astronauta americano John Glenn, em 1962, se tornasse o primeiro americano a orbitar a Terra. Katherine, brilhante matemática negra, enfrenta desconfiança e exclusão em um ambiente dominado por homens brancos; Dorothy, lidera uma equipe de “computadores humanos” composta por mulheres negras, sem

reconhecimento formal; e Mary, aspirante a engenheira, luta na justiça para ingressar no programa de treinamento da NASA, tornando-se a primeira mulher negra a atuar como engenheira na instituição.

O filme revela como as barreiras de raça e gênero dificultaram o progresso das mulheres negras na ciência, ao mesmo tempo em que evidencia suas contribuições para a história da humanidade. A trama retrata o impacto do racismo e do machismo institucional sobre a vida de mulheres negras durante a corrida espacial, fortalecendo lutas de libertação ao expor as bases culturais desse tipo de dominação (hooks, 2019).

As experiências das protagonistas oferecem uma valiosa oportunidade para compreender as interconexões entre diferentes formas de opressão. Kimberlé Crenshaw, na discussão da interseccionalidade, enfatiza como a abordagem conecta problemas raciais e de gênero, muitas vezes negligenciados nos movimentos por direitos. Nesse sentido, Collins (2022, p. 76) descreve a interseccionalidade como:

Em outras palavras, a interseccionalidade se move em direção a um “horizonte aberto” sugerido pelo uso de metáforas, heurísticas e paradigmas, reconhecendo como seus construtos centrais e suas premissas orientadoras constituem uma mudança de paradigma. Nesse sentido, o uso de paradigmático da interseccionalidade por meio dessa constelação atual de temas centrais e premissas orientadoras, conforme descrito aqui, constitui mais um ponto de partida para o desenvolvimento de uma teoria social crítica, e não o ponto final da interseccionalidade como investigação crítica. (Collins, 2022, p. 76).

As intersecções representadas no filme mostram como os discursos-dialógicos das protagonistas visam explicar o mundo social e como as premissas orientadoras da interseccionalidade contribuem para as mudanças paradigmáticas. Como afirma Collins (2022, p. 179), o uso da interseccionalidade “para nomear esse espaço de contestação e possibilidade reflete sua consciência dos desafios de acomodar os padrões conflitantes de projetos de conhecimento resistente distintos que compartilham um espaço comum”.

Assim, a narrativa fílmica alinha a interseccionalidade com o legado histórico das lutas sociais, destacando que “a crítica autorreflexiva no feminismo demonstra uma relação recorrente entre gênero, sexualidade e raça, que reflete as várias vertentes da investigação crítica sobre sua própria práxis” (Collins, 2022, p. 154). Desse modo, os desafios presentes na narrativa ilustram como as ações sociais e as experiências pessoais são essenciais para teorização crítica, ao mesmo tempo em que promovem reflexões

sobre os julgamentos superficiais que ignoram as dores, desejos e motivações dos outros.

Pensar sobre direitos fundamentais requer uma perspectiva interseccional que aperfeiçoe práticas teóricas e abra espaço para as diversas demandas sociais. Nesse contexto, o filme *Estrelas Além do Tempo* (2016) estimula reflexões sobre injustiças e opressões interseccionais envolvendo gênero, raça e classe. Embora funcione como enunciado contra-hegemônico ao dar visibilidade às experiências de mulheres negras na ciência, sua inscrição no circuito do cinema *mainstream* estadunidense limita a radicalidade polifônica da narrativa. Em termos bakhtinianos, o suporte midiático atua como espaço de refração ideológica, onde vozes de resistência são, por vezes, moduladas para atender às expectativas de um público amplo e majoritariamente branco.

Assim, ainda que a obra construa um discurso que tensiona hierarquias sociais, sua circulação na indústria cultural revela a complexidade dos processos de resistência, que precisam constantemente negociar entre memória insurgente e adaptação histórica. Essa tensão evidencia que mesmo os enunciados que buscam desestabilizar a ordem hegemônica são atravessados por forças contraditórias, que moldam a forma e a intensidade de sua contestação.

CENAS DISCURSIVAS E DIMENSÕES INTERSECCIONAIS

Para iniciar a análise do filme *Estrelas Além do Tempo* (2016), propomos apresentar as principais temáticas, histórias e contextos abordados na narrativa, com ênfase nas interseções entre os fundamentos teóricos de Bakhtin e a teoria da interseccionalidade. Nosso objetivo é analisar como essas dimensões se entrelaçam nas experiências das protagonistas e como elas refletem as desigualdades estruturais do período histórico em questão. O filme nos convida a refletir sobre a complexidade das interações humanas em contextos sociais marcados pela segregação racial e pela subordinação de gênero.

A corrida espacial, na década de 1960, emergiu como uma das disputas mais significativas de poder político e ideológico no século XX. Mais do que uma questão científica, a conquista do espaço representava a supremacia tecnológica e estratégica das potências mundiais, capaz de definir os rumos da história mundial. No entanto, a trama destaca o contexto social interno dos Estados Unidos, frequentemente

negligenciado em discussões sobre a Guerra Fria: a segregação racial institucionalizada e a marginalização das mulheres no mercado de trabalho.

Entre as décadas de 1960 e 1970, movimentos pelos direitos civis e pelo feminismo começaram a se consolidar, desafiando estruturas de poder historicamente excludentes. É nesse contexto que *Estrelas Além do Tempo* (2016) narra a trajetória de três mulheres negras que, apesar de enfrentarem discriminação de gênero e raça, contribuíram significativamente para o avanço científico na NASA e no sucesso da corrida espacial americana.

Nesse período de intensas lutas sociais, a segregação racial impunha barreiras significativas às pessoas negras, como o acesso restrito à educação, a segregação em espaços públicos e a falta de oportunidades em áreas de alta qualificação profissional. Por sua vez, as mulheres enfrentavam o preconceito de gênero, sendo relegadas a posições de inferioridade tanto no âmbito doméstico quanto profissional. A desvalorização do trabalho feminino, a opressão racial institucional e a escassez de diversidade em equipes científicas ressaltam a importância de discutir questões de representatividade em contextos de poder.

Ao situar as protagonistas em um contexto de segregação racial e opressão sistêmica, buscamos ampliar a compreensão dialógica do “eu” e do “outro”, analisando as dimensões interseccionais presentes nas vozes sociais das protagonistas e suas lutas contra os sistemas opressivos. Dessa forma, a análise a seguir, foca nos enunciados e nas ressonâncias que emergem da trama, como ilustrado em cenas-chave que refletem a complexidade social da narrativa: o carro das protagonistas parado na estrada, sua interação com o policial e a escolta até a base da NASA (Cena 1).

Cena 1: Katherine, Dorothy e Mary são escoltadas à base da NASA



Fonte: *Hidden Figures* (2016).

Transcrição 01:

Mary: A ignição está nos atrasando, vamos acabar desempregadas, dirigindo essa sucata para o trabalho todos os dias.

Dorothy: Eh, você pode caminhar 25 quilômetros.

Katherine: Ou sentar no fundo do ônibus ((risos)).

Mary: Nenhum dos dois, vou pedir carona ... Garotas ... ((observam o carro da polícia se aproximando)).

Dorothy: Carro enguiçado não é crime.

Mary: Ser negro, também não é [crime].

Katherine: Calada Mary! Não queremos ir presas por sua causa [...]

Katherine: Estamos indo para o trabalho em Langley ... NASA, senhor.

Dorothy: Fazemos muitos cálculos lá, lançando foguetes no espaço.

Policial: Vocês três?

Mary: Sim, policial.

Policial: NASA? interessante! ... Não fazia ideia que contratavam ...

Dorothy: Há várias mulheres trabalhando no programa espacial. (Falas referentes a 03min:44s à 05min:09s).

Na transcrição da cena, as protagonistas utilizam humor e ironia para lidar com a opressão cotidiana e expor as contradições do sistema segregacionista. A menção de Katherine ao “fundo do ônibus” evoca diretamente à segregação racial imposta pelas leis de Jim Crow³, enquanto o comentário de Mary – “Vou pedir carona” – tensiona a situação ao desafiar o conformismo. Observa-se que, as falas dialogam com os históricos de exclusão exemplificando o que Bakhtin denomina de enunciados dialógicos, que interagem com outros discursos na sociedade, questionando normas opressoras.

O ato de Dorothy ao buscar desarmar a tensão ao contextualizar a situação e Mary ao intensificar o confronto de que “ser negro também não é [crime]” explicita tanto a vulnerabilidade racial quanto a coragem de expor a injustiça. Já a reação de Katherine ao silenciar Mary reflete uma postura estratégica moldada pelo contexto opressor. No momento em que o oficial descobre que as protagonistas trabalham na NASA revela-se o imaginário estereotipado da época, que excluía mulheres negras de espaços intelectuais. Tal revelação ressignifica o papel das personagens, posicionando-as como agentes de mudança e desafiando as expectativas sociais limitantes.

Sob uma perspectiva interseccional, raça, gênero e classe se entrelaçam para moldar as experiências das personagens em um cronotopo marcado pela segregação racial e desigualdade estrutural. A viatura policial simboliza a repressão e a mediação do deslocamento físico e dialógico das personagens, que transitam de um espaço de exclusão para outro de reconhecimento, desafiando a hegemonia. Desse modo, a cena ilustra a contradição entre o ideal de progresso científico e a permanência das estruturas

racistas e sexistas, exemplificando o enunciado dialógico onde múltiplas vozes coexistem e confrontam a opressão sistêmica.

Cena 2: Banheiro – A urina é da mesma cor (*Katherine Johnson*)



Fonte: *Hidden Figures* (2016).

Transcrição 02:

Harrison: Por onde você andou? Sempre que a procuro, nunca está onde eu preciso. Não é a minha imaginação, aonde vai todos os dias?

Katherine: Ao banheiro senhor.

Harrison: Ao banheiro? Ao maldito banheiro? 40 minutos todo dia? Faz o que lá? Estamos em T-0 aqui, confio em você.

Katherine: Não tem banheiro aqui para mim. [...] Não tem banheiro para negros aqui neste prédio ou em qualquer prédio fora do campus leste, que fica a 800 metros daqui. [...] Ah, eu tenho que caminhar bastante para me aliviar [...] imagine a cena, senhor Harrison: meu uniforme, saia abaixo dos joelhos, salto alto e um colar simples de pérolas - eu não tenho pérolas! Deus sabe que não pagam os negros o suficiente para ter pérolas e eu trabalho feito uma condenada dia e noite sobrevivendo com um café da cafeteria que nenhum de vocês toca ... então, me desculpe se eu tenho que ir ao banheiro algumas vezes ao dia.

[...]

Harrison: ((Quebrando a placa do banheiro)) É isso aí! Chega de banheiro de negros, chega de banheiros de brancos. Só existem banheiros. Vá aonde quiser, de preferência perto da sua mesa ((fala olhando para Katherine)). Aqui na NASA, a urina é da mesma cor. (Falas referentes à 1h:00min:16s à 1h:04:26).

A cena do banheiro, central no arco narrativo de Katherine Johnson, expõe de maneira contundente as tensões interseccionais que atravessam sua trajetória como mulher negra em um espaço hegemonicamente masculino e branco. A necessidade de percorrer longas distâncias para acessar um banheiro segregado evidencia não apenas as barreiras físicas impostas pela segregação racial, mas também as estruturais simbólicas de exclusão que permeavam a sociedade e o ambiente de trabalho na época.

A experiência de Katherine é construída na interseção de múltiplos eixos de opressão – gênero, raça e classe. Sua denúncia explícita de que “não pagam os negros o suficiente para ter pérolas” insere o marcador econômico como mais um vetor de desigualdade. A sua fala, ao mesmo tempo que desvela as condições materiais precárias impostas a mulheres negras, sublinha a resistência, que transforma sua indignação em um ato de fala politicamente potente. Por um lado, os enunciados da personagem refratam um contexto histórico de exclusão racial institucionalizada; por outro, emergem como ruptura dialógica, um discurso de resistência que desafia a naturalização dessas práticas opressivas.

O enunciado de Katherine, marcada pela tonalidade emocional e pela ironia, ao denunciar as condições desiguais de trabalho, inscreve-se como um gesto discursivo que tensiona a relação entre submissão e subversão. Já a resposta de Harisson, ao arrancar a placa do banheiro segregado e declarar que “a urina é da mesma cor”, reflete um movimento dialógico que transcende o conflito inicial e aponta para uma mudança simbólica no espaço. No entanto, esse gesto, embora representativo de uma vitória individual e momentânea, também é refratado pelo discurso fílmico como insuficiente para dismantelar as estruturas mais amplas de desigualdade.

A cena 2, portanto, ilustra a segregação racial como uma prática opressiva e a transforma em um espaço de agência e resistência individual. O discurso cinematográfico reflete e refrata, simultaneamente, dinâmicas de opressão e denúncia, construindo um enredo em que a luta por inclusão emerge como uma reivindicação legítima e urgente.

Cena 3: Tribunal – O poder da argumentação (*Mary Jackson*)



Fonte: *Hidden Figures* (2016).

Transcrição 03:

Juiz: O colégio Hampton é para brancos, Sra. Jackson.

Mary: Sim, Excelência eu sei disso. [...] Creio que há circunstâncias especiais a serem consideradas.

Juiz: O que levaria uma negra a requerer a estudar em uma escola de brancos?

Mary: [...] Excelência, acima de todos, deveria entender a importância de ser o primeiro [...]. O senhor foi o primeiro de sua família a servir às Forças Armadas, a Marinha Americana, o primeiro a fazer uma universidade George Mason e o primeiro Juiz Estadual a ser recomencionado por três governos consecutivos.

Juiz: Vejo que a senhora andou pesquisando.

Mary: Andei sim, senhor [...] A questão Excelência é que nenhuma negra do Estado da Virginia jamais estudou em um colégio de brancos, não há registro. [...] E eu senhor, pretendo ser uma engenheira da NASA, mas não posso fazer isso sem assistir aulas nesse colégio de brancos ... e não posso mudar a cor da minha pele, então a minha única escolha é ser a primeira [...]. Excelência, de todos os casos que ouvirá hoje, qual irá importar daqui a cem anos? Qual deles o tornará mais uma vez o primeiro?

Juiz: ... ((sorri)) Somente as aulas noturnas, Sra. Jackson. (Falas referentes à 1h:10min:48s à 1h:13min11s).

Em relação à situação descrita, Mary enfrenta barreiras profissionais e sociais impostas pelo sistema, desafiando normas estruturais para alcançar seus objetivos como engenheira. Sua determinação ao confrontar a segregação racial no sistema educacional do Estado da Virginia reflete uma luta individual e um dilema universal que ainda ressoa na sociedade contemporânea: o acesso desigual a oportunidades devido a barreiras estruturais e preconceitos históricos.

O discurso de Mary está impregnado de tons valorativos que questionam as normas segregacionistas da Virginia, enquanto dialoga com discursos de progresso e igualdade racial. Ao recorrer à biografia do juiz para persuadi-lo, a personagem apela para sua individualidade, ao mesmo tempo que posiciona seu enunciado como uma resposta às forças dialógicas da história e da cultura, conectando sua luta pessoal à narrativa coletiva de conquista e pioneirismo. Aqui, o diálogo trata-se de um intercâmbio verbal e um confronto ideológico que desestabiliza o discurso dominante.

De certa maneira, a luta por uma educação destinada a homens brancos, revela a intersecção entre racismo e sexismo, situando seu enunciado como uma denúncia contra as barreiras estruturais que marginalizam mulheres negras no campo científico. A estratégia de Mary ao se posicionar como “a primeira” não é apenas uma busca por equidade individual, mas uma subversão do imaginário social que nega a capacidade intelectual e a ambição de mulheres negras. Hoje, o acesso à educação de qualidade, especialmente em campos como: ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM,

na sigla em inglês: *Science, Technology, Engineering and Mathematics*), ainda é um desafio para grupos sub-representados, incluindo mulheres negras.

Nota-se que Mary conecta a trajetória do juiz à sua própria luta, construindo um apelo humano e convincente. A sua vitória no tribunal simboliza um marco de ruptura com o *status quo*, desafiando normas sociais excludentes e oferecendo um vislumbre de um futuro mais inclusivo. Mais do que um momento narrativo, a cena 3 se configura como um enunciado de resistência e uma abertura para novas vozes e perspectivas, posicionando o filme como um instrumento poderoso de denúncia e inspiração.

Cena 4: Resistência e solidariedade: a luta por igualdade na NASA - (*Dorothy Vaughan*)



Fonte: *Hidden Figures* (2016).

Transcrição 04:

Dorothy: [...] Eu?

Vivian Mitchell: Temporariamente sim, precisamos do IBM ((computador)) para o lançamento do Glenn, o engenheiro chefe disse que você é boa com cartões e programação também.

Dorothy: E sobre as mulheres aqui?

Vivian Mitchell: Computadores humanos não podem calcular um voo orbital com o tempo que temos, ficarão onde estão.

Dorothy: E como fica depois disso?

Vivian Mitchell: É, depois do lançamento do Glenn, a NASA acabará com os grupos de computadores.

Dorothy: Não aceito ser transferida, se não levar as minhas meninas.

Vivian Mitchell: O que disse?

Dorothy: Precisarei de ajuda para programar aquele monstro, sozinha não dá. Elas estão prontas para fazer o trabalho.

[...]

Dorothy: Meninas! Fomos transferidas, deixem suas calculadoras não precisaremos mais delas. (Falas referentes à 1h:26min:54s à 1h:27min:50s).

Os diálogos entre Dorothy e Vivian revelam a complexa dinâmica de poder no ambiente profissional da NASA, destacando questões de gênero e raça em um contexto de segregação e discriminação. O enunciado de Dorothy reflete a luta de uma mulher

negra, por reconhecimento e igualdade de oportunidades em um campo predominantemente masculino e branco. Inicialmente, Vivian, como supervisora loira e branca, detém poder sobre Dorothy, mas ao longo das cenas, a resistência da personagem ganha força, revelando os desafios e a solidariedade feminina no contexto da NASA.

A primeira imagem da cena 4 apresenta um diálogo onde Vivian pede a Dorothy que realize uma tarefa simples, mas que carrega em si um forte simbolismo de subordinação. Ao determinar que Dorothy pegue as caixas e execute o trabalho sem questionamentos, evidencia a atitude paternalista e autoritária que muitas vezes se dirige a mulheres, especialmente às mulheres negras, no ambiente de trabalho. Dorothy, por sua vez, ao responder com a aceitação da tarefa, revela a obediência que muitas mulheres negras foram forçadas a adotar para manter sua posição e evitar represálias.

Na transcrição, Vivian explica o uso do IBM para o lançamento de Glenn, e Dorothy começa a questionar seu futuro dentro da NASA. Vivian, sem hesitar, afirma que “computadores humanos não podem calcular um voo orbital com o tempo que temos, ficarão onde estão”, sublinhando o sexismo que limita as oportunidades das mulheres e o racismo implícito, visto que mulheres negras são excluídas de tarefas mais avançadas e não são consideradas para ocupar posições estratégicas, apesar de sua competência técnica. A fala de Dorothy, ao não aceitar ser transferida sem suas colegas, reflete sua resistência ao sistema que tenta marginalizá-la, bem como sua ação de solidariedade feminina.

É importante salientar que, nesta cena, o filme enfatiza a luta pelo reconhecimento profissional e pela igualdade de oportunidades para todas as mulheres negras. O enunciado de Dorothy ao convocar suas colegas para deixarem suas calculadoras, afirma a necessidade da solidariedade feminina e da luta coletiva. A progressão de cenas do filme enfatiza a luta pelo reconhecimento profissional e pela igualdade de oportunidades. Assim, o enunciado reflete a resistência da personagem contra os discursos hegemônicos que negam acesso equitativo a mulheres negras em posições de liderança. Portanto, a análise interseccional revela como gênero e raça se entrelaçam, dificultando o avanço profissional em um ambiente dominado por homens brancos.

Cena 5: Chegada de Katherine ao “controle de voo”



Fonte: *Hidden Figures* (2016).

Transcrição 05:

Engenheiro: Estou procurando Katherine Goble.

Katherine: É Katherine Johnson agora.

Engenheiro: Preciso que verifique essas coordenadas.

Dorothy: Vamos de um espaço para ela trabalhar. [...]

Mary: O que você está fazendo? Está descansando? ((Katherine sai correndo para entregar os cálculos)).

[...]

Harrison: Katherine ... vem ((mostra a credencial)).

Engenheiro: Senhor, em contato com a base 14.

Harrison: Tá bom, deixa eu falar com eles. [...] Podemos confirmar que o ponto de reentrada *Go no Go* é 16,11984 graus de latitude e 165,2356 graus de longitude ... janela de lançamento aprovada, as coordenadas de pouso batem.

John Glenn: Ótima notícia! ... é difícil acreditar em alguma coisa sem olhar nos olhos.

Harrison: É isso mesmo Coronel, Katherine conseguiu calcular alguns pontos mais além do que aquele pedaço de metal.

John Glenn: Seguirei cada dígito recebido, agradeça a ela por mim, Senhores, vamos lançar o foguete! (Falas referentes à 1h:43min:07s à 1h47min26s).

A cena 5 apresentada, retrata a interação entre Katherine Johnson e o Coronel John Glenn, expõe de maneira clara as barreiras de gênero e raça que marcam a trajetória profissional de Katherine e, simultaneamente, o respeito que ela conquista em um ambiente predominantemente masculino e branco. Quando Glenn exige que a protagonista verifique os cálculos para o lançamento, ele não apenas valida sua competência técnica, mas rompe com as normas de um sistema que historicamente negava oportunidades iguais a mulheres negras em posições de liderança.

Em momentos antes, a fala de Glenn ressoa o respeito que se tem por Katherine, informando a todo controle da NASA que só irá lançar o foguete quando ela informar as coordenadas, colocando-a como uma figura de autoridade, desafiando a ideia de que

uma mulher negra, especialmente em uma época de intensas segregações, poderia ocupar tal posição. Esse momento ilustra a resistência de Katherine contra um sistema opressor, mas também a confiança que ela conquista, não apenas pela sua habilidade, mas pela superação das limitações impostas pela sua raça e gênero.

A interação entre Katherine e Glenn é um confronto entre a voz autoritária e tradicional de um homem branco e a voz assertiva de uma mulher negra, que desafia a hierarquia de poder existente. Bakhtin (2010) argumenta que o discurso é sempre plural, e ao incorporar as diversas vozes sociais, ele gera tensão dialógica. A confiança de Glenn em Katherine representa uma ruptura nas normas de exclusão, não pela sua cor ou sexo, mas pelo valor de seu trabalho. Este momento é emblemático do poder do diálogo, onde a personagem, ao ser ouvida e reconhecida, se torna uma figura de autoridade que desafia os limites da opressão e abre novos espaços para mulheres negras em campos dominados por homens brancos.

Com bases nessas informações, pode-se dizer que *Estrelas Além do Tempo* (2016) contém elementos de linguagem que compõem cada cena por meio das imagens, trabalhando com a temática de luta pela igualdade e reconhecimento profissional. O dialogismo, como conceito bakhtiniano, implica uma relação entre diferentes valores e discursos. Neste caso, a linguagem é constitutiva de sujeitos – como Katherine, Dorothy, Mary, e dentre outros – e de temporalidades, refletindo a sociedade que a encontra. O filme carrega um rico material ideológico, evidenciado pelos signos, e o diálogo se apresenta como uma inter-relação dialética entre os sujeitos.

Neste ponto da narrativa, ao reler a linguagem cinematográfica à luz de Bakhtin e da ótica interseccional, podemos compreender que o filme não apenas constrói uma história de resistência e superação, mas ilumina as dinâmicas sociais e culturais que influenciam a luta contra a opressão sistêmica. O filme americano é um ser-evento-único, demonstrando cenas dialógicas e diálogos interseccionais. Cada corte de cena, cada transcrição, não foi aleatório; cada momento carrega um significado profundo.

Assim, somente a voz do outro, ficcionalizada, se coloca em diálogo com a nossa, permitindo que possamos chegar a um entendimento mais profundo e reflexivo. Ao colocar essas vozes em diálogo, reconhecemos as particularidades da obra cinematográfica e compreendemos que sempre haverá múltiplas formas de ver a mesma cena. O cinema nunca apresentará a realidade de maneira absoluta, mas, sim, refletirá e refratará outras esferas ideológicas, convidando-nos a um olhar crítico e transformador sobre a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do filme americano *Estrelas Além do Tempo* (2016) evidencia como o cinema, enquanto gênero discursivo, reflete e refrata as dinâmicas interseccionais de raça, gênero e classe. Por meio da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), foi possível observar como as protagonistas – Katherine, Dorothy e Mary – utilizam a linguagem para resistir às múltiplas formas de opressão, ao mesmo tempo em que revelam as limitações e os avanços das representações sociais e culturais ao longo do tempo.

A adaptação cinematográfica do livro *Hidden Figures* (2016), de Margot Lee Shetterly não se limita a uma tradução literal, mas constitui um processo de negociação cultural, em que novas interpretações e vozes são incorporadas. Essa perspectiva permite identificar como a narrativa ressignifica a história original, dialoga com as expectativas de um público contemporâneo e desafia discursos hegemônicos. Desse modo, a obra em si, configura-se como um espaço de articulação ideológica que ressoa com questões atuais de justiça social e representatividade.

Além disso, a interseção entre a teoria bakhtiniana e a teoria da interseccionalidade revelou o cinema como uma poderosa ferramenta crítica para problematizar questões sociais. O diálogo entre vozes sociais evidenciou as lutas por equidade e permitiu analisar as relações de poder, ideologia e refração nas representações de raça, gênero e classe. A tensão entre discursos históricos e contemporâneos destacou como as estruturas de opressão continuam moldando a sociedade, mesmo diante de avanços.

Ao adotar abordagens críticas, como a interseccionalidade (Akotirene, 2019; hooks, 2019; Collins, 2022), este estudo possibilitou novas perspectivas sobre as dinâmicas de poder e identidade na linguagem cinematográfica. A pluralidade de vozes no texto fílmico enriquece a apreciação da obra e convida o público a refletir sobre sua própria identidade e as forças sociais que moldam sua visão de mundo.

Em síntese, *Estrelas Além do Tempo* (2016), ao articular categorias como raça, classe e gênero, transcende sua narrativa de resistência individual para oferecer uma reflexão crítica sobre as condições sociais que sustentam as lutas por liberdade e reconhecimento. A construção interativa do drama reconstrói a vida na arte ao incorporar nas falas das personagens as tensões e os desafios de suas jornadas. As

interações entre as protagonistas e outros personagens demonstram como o sujeito é simultaneamente moldado pelas vozes que o cercam e capacitado a responder a elas.

Assim, as cenas que confrontam normas sociais e institucionais promovem uma subversão das estruturas autoritárias, criando um espaço discursivo dinâmico, onde novas formas de poder e identidade podem emergir. Desse modo, a obra reafirma o cinema como um espaço de resistência e disputa simbólica, no qual vozes historicamente marginalizadas encontram ressonância, desafiando a sociedade a revisitar suas dinâmicas de poder e imaginar possibilidades mais equitativas de convivência.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. In: **Feminismos Plurais** (org.). Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de: MIOTELLO, V.; FARACO, C. A. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 261- 306.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- COLLINS, P. H. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. Boitempo Editorial, 2022.
- DI CAMARGO, I. J. **Mikhail Bakhtin na linguagem cinematográfica**. São Paulo, Mentis Abertas, 2020.
- ESTRELAS Além do Tempo. **Hidden Figures**. Direção de Theodore Melfi. Los Angeles: 20th Century Fox, 2016. 1 vídeo. (127 min.).
- HOOKS, B. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Trad. Rainer Patriota, São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1929].

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In: Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SOUZA, G da. S de. **Língua Portuguesa no ensino médio: o texto como ponto de partida (?)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin. Vitória da Conquista – BA, 2017.

STAM, R. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas: Papirus, 2003.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

Submetido em: 25/04/2025

Aceito em: 04/06/2025

¹Adotamos a grafia em minúscula de *bell hooks*, em respeito à sua escolha de minimizar a centralidade do “eu” em favor do coletivo e das ideias.

² O Oscar (*Academy Awards*), concedido pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, é uma das premiações mais prestigiosas do cinema mundial, com foco na excelência artística e técnica. O Globo de Ouro, entregue pela Associação de Imprensa Estrangeira de *Hollywood*, destaca os melhores filmes e programas de TV, sendo considerado um indicativo importante para o Oscar. Já o BAFTA (*British Academy of Film and Television Arts*), principal premiação do Reino Unido, celebra o melhor do cinema e da televisão britânica e internacional.

³ Conjunto de leis e práticas de segregação racial nos Estados Unidos, vigente entre o final do século XIX e meados do século XX, que impunha a separação entre negros e brancos em espaços públicos e privados, sob o princípio de “separados, mas iguais”.